

A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO FACILITADOR NO PROCESSO DA INCLUSÃO ESCOLAR

Iviana Gonçalves de Lima (Autor);

Lívia Raquel Fortunato (Co-autora); Braulio Maciel Silva (Co-autor);

Nelsânia Batista (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba

ivi.ana@hotmail.com

Resumo

O presente artigo vem relatar o resultado de uma pesquisa realizada no mês de agosto, na Escola Municipal Tertuliano Maciel no bairro do Ligeiro, município de Queimadas, com alunos de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. O objetivo se deu em forma de intervenção colaborativa, onde foi apresentada e trabalhada pedagogicamente a literatura infantil como uma metodologia inclusiva que pode ser utilizada em sala de aula, proporcionando aos alunos uma reflexão crítica acerca das pessoas com deficiência. A linha metodológica utilizada foi a pesquisa ação, onde através da docência em sala de aula foi possível estabelecer vínculo com os alunos da turma pesquisada e nos possibilitou uma experiência única, modificando nossa forma de ver e pensar a educação inclusiva e comprovando que a integração do aluno com deficiência é possível, independente de suas características ou limitações. O trabalho teve como culminância uma produção coletiva realizada pela turma com o título: “Isadora, a menina superpoderosa”, produzida a partir de situações em que as crianças puderam refletir sobre a inclusão das pessoas com deficiência e elencaram formas de respeitar e conviver harmoniosamente num ambiente de diversidade como a escola. A atividade foi pensada de modo que o/a personagem se encaixasse dentro do contexto de exclusão social, fosse por uma característica pessoal, ou por sua condição física. Durante a escrita coletiva, os alunos levaram em consideração seu conhecimento prévio sobre outras histórias contadas em sala de aula e incorporaram à história, fatos e emoções vivenciados pelas próprias crianças. A relevância deste trabalho está na contribuição do debate sobre o tema enfocado, uma vez que a literatura infantil proporciona aos alunos uma vivência maior e mais participativa em relação a inclusão das pessoas com deficiência no ambiente escolar, redimensionando a socialização escolar e favorecendo o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Literatura infantil, Inclusão escolar, Criatividade.

A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO FACILITADOR NO PROCESSO DA INCLUSÃO ESCOLAR

Iviana Gonçalves de Lima (Autor);

Lívia Raquel Fortunato (Co-autora); Braulio Maciel Silva (Co-autor);

Nelsânia Batista (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba

Introdução

A escolha do tema inclusão escolar por meio da literatura infantil surgiu do desejo de aprofundarmos o conhecimento acerca da temática, a partir da necessidade de se descobrir o que as escolas estão fazendo para prevenir e combater a exclusão e como a literatura está sendo instrumentalizada para esse fim, com enfoque no respeito à individualidade e na garantia dos direitos que competem aos alunos com deficiência, enquanto cidadãos.

Sabemos que culpar o sistema educacional como sendo o único a impedir a inclusão escolar de pessoas com deficiência também é um tipo de preconceito velado por parte da escola e de seus professores. Para seguirmos por um caminho oposto ao do conformismo e da violência que a exclusão proporciona, são necessárias discussões e reflexões sobre o papel de cada um no processo de inclusão das crianças deficientes, além de estratégias para o desenvolvimento das mesmas, de acordo com as necessidades específicas de cada uma. Sendo assim, a violação do direito de acesso à educação e a falta de condições para permanência da criança com deficiência na escola é também uma forma de violência a ser enfrentada.

A investigação do presente artigo se deu a partir da necessidade de se trabalhar a temática planejada para o bimestre: Os valores humanos como instrumentos motivadores para a cultura de paz. Logo, se precisamos de instrumentos que motivem a cultura de paz dentro da escola, fica evidente que existe um problema a ser superado, manifestando-se nas mais diversas formas de violência, seja contra o patrimônio, quando observamos depredações realizadas pelos próprios alunos ou pela comunidade; seja através da violência física, observada durante as relações sociais construídas dentro da escola; ou aquelas sofridas e assistidas em suas casas, muitas vezes praticadas por seus pais, cuidadores ou responsáveis, e



ainda através da violência simbólica, caracterizada pela anulação ou desvalorização do outro, violência essa, sofrida silenciosamente pelas crianças com deficiência.

A inclusão dos alunos com deficiência vem construindo um novo cenário na educação brasileira, cheio de diversidade e desafios. Nesse sentido, Assis (2014) enfatiza que

A escola é o espaço onde as relações sociais que compõem o conjunto de relações humanas, configuram-se e reconfiguram-se a todo o momento, entre as crianças e adolescentes, professores e funcionários, pais e responsáveis, enfim, na comunidade escolar. E, como toda relação, pode apresentar-se revestida de carinho, afeto, companheirismo e respeito, pode se apresentar revestida de preconceito, ou seja, opinião formada sem conhecimento dos fatos, pautada em julgamentos sem fundamentação; de discriminação em que os atos consistem em diferenciar, em separar, em isolar, em segregar, e, de exclusão com a negação e rejeição às individualidades e às diferenças. (ASSIS, 2014, p. 17-180)

É pensando nas relações sociais da criança com deficiência que a escola deve reconfigurar sua forma de ensinar, adotando estratégias e projetos que visem à construção de instituições verdadeiramente inclusivas, onde os professores e alunos estejam integrados às diferentes formas de ser e estar. Diante do contexto de violência destacado pelo autor sobre exclusão e rejeição às individualidades e às diferenças, a escola precisa elaborar ações pedagógicas com o objetivo de minimizar essa violência dentro do seu espaço, deste modo, estará também diminuindo a dentro da sociedade.

A literatura infantil vem se destacando como uma forma eficaz de debater a inclusão, pois durante o processo imaginativo, a criança tem a oportunidade de criar de forma prazerosa e de experimentar sensações e sentimentos que revelam sua visão sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre suas atitudes. Pensando assim, utilizamos a literatura infantil como ponte para compreensão sobre a temática inclusão e elaboramos uma sequencia didática que proporcionou uma reflexão sobre o preconceito existente dentro das escolas, possibilitando assim, uma mudança de pensamento e, sobretudo, de atitude para com as crianças com deficiência.

Este estudo se deu durante o mês de agosto de 2016, na Escola Municipal Tertuliano Maciel, município de Queimadas, na turma de 1º ano do Ensino Fundamental I, composta por vinte alunos, com idades entre seis e sete anos. O ponto de partida foi a leitura do livro “Os invisíveis”, de Tino Freitas e Renato Moriconi, que teve como finalidade lançar um olhar sobre o preconceito sofrido pelos funcionários da escola que não exercem profissões de destaque, bem como sobre as crianças com deficiência. Por tratar-se de uma turma em que os alunos estão em pleno desenvolvimento da leitura e da escrita, utilizamos a literatura infantil como facilitadora desse processo, assim, sendo um recurso já trabalhado em sala de aula, a



literatura também pôde ser utilizada para oportunizar a percepção das diferenças existentes no âmbito escolar e social, quebrando paradigmas e fazendo que o outro fosse visto em sua totalidade, independente de sua condição social ou física.

Durante o ano letivo corrente, a escola vem trabalhando com o tema gerador “Educação Intercultural, tecendo caminhos de valorização à vida no planeta”. Cada bimestre tem um subtema pré-definido: 1º Bimestre: “Aluno, escola e comunidade, saberes locais, saberes globais.” 2º Bimestre: “Meio ambiente, sociedade e tecnologias: avanços e desafios para a promoção de saúde.” 3º Bimestre: “Os valores humanos como instrumentos motivadores para cultura de paz.” Com base nestas temáticas, foram desenvolvidos projetos que oportunizaram momentos de interação e aprendizado, alguns deles despertaram maior interesse nas crianças, como: “Meu jardim de afetos”, onde elas receberam na primeira semana de aula um vasinho de planta para levarem para casa com a responsabilidade de cuidar durante todo o ano. Para a sala foram adotadas três plantinhas, onde as crianças cuidam diariamente, regando, adubando e levando para locais arejados. Na área compartilhada da escola foi construído um jardim, onde as demais turmas participaram pintando pneus e colocando as mudas das plantas, no centro do jardim os alunos plantaram uma muda de ipê, para que todos pudessem ser responsáveis por seu cuidado e por sua preservação. Esta atividade integrou os alunos de modo a perceberem que seus colegas não são inferiores por apresentarem algum tipo de deficiência, todos contribuíram com o jardim independente de suas características, limitações ou potencialidades, pois ali, além da disposição em colaborar para um jardim lindo e colorido, havia também o desejo de construir um mundo melhor.

Metodologia

Sabemos da grande importância que a literatura infantil tem na vida da criança e da influência que ela exerce em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Na maioria das vezes é na escola que a criança tem seu primeiro contato com este tipo de leitura e dependendo da forma com que seja apresentada, pode-se descortinar um mundo de magia e encantamento, fazendo com que ela se apaixone pelos livros e cresça um adulto leitor, cheio de imaginação e criatividade. Desse modo,

Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que tem em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho,



curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Com o acesso à literatura infantil, a criança adquire novos conhecimentos e desenvolve características capazes de acompanhá-las por toda a vida. É através dessa literatura que a criança se redescobre e encontra soluções para alguns dos seus problemas infantis, ao projetar nos personagens as inseguranças e curiosidades próprias desta fase, ou seja, quanto mais cedo a criança tiver acesso à leitura, mais possibilidades ela terá para desenvolver suas múltiplas competências.

Abramovich (1997) destaca ainda que por meio de uma única história a criança tem a capacidade de descobrir outros lugares, tempos, jeitos de ser e de agir, conhece novas regras, adota posturas antes desconhecidas e desenvolve a ética. Ela ainda vê o mundo sob outra ótica, além de aventurar-se pelos caminhos que englobam história, filosofia, política, psicologia, antropologia, direito, sem sequer conhecer esses nomes e sem perceber que no momento da leitura aconteceu uma aula.

Infelizmente ainda nos deparamos com professores que não fazem uso adequado da literatura infantil em sala de aula ou que desconhecem livros com temáticas voltadas para inclusão. Só se pode ensinar aquilo que se sabe. É impossível demonstrar para a criança o prazer que a leitura provoca, se não formos nós, leitores assíduos. Para Coelho (2002), a leitura no sentido de compreensão do mundo é condição básica do ser humano. A importância que se deve dar a tal ato no meio docente precisa, portanto, ser bem maior.

Embora a literatura inclusiva ainda seja escassa, os professores podem explorar a imaginação da criança, proporcionando possibilidades para a produção de histórias personalizadas que tratem de problemas reais vividos por eles.

De acordo com Vigotski (2014),

Esse trabalho criativo é mais importante para a criança do que propriamente para a literatura. Seria incorreto e injusto tratar a criança como se fosse um escritor e exigir dos seus trabalhos aquilo a que se exige do escritor profissional. A escrita da criança está para a escrita dos adultos assim como o jogo das crianças está para a vida. O jogo é necessário para a criança, tal como a escrita, principalmente, para o desenvolvimento do próprio autor, do meio em que a criança nasceu e em que vive. (VIGOTSKI, 2014, p.79)

Para que isso ocorra, é preciso tornar a sala de aula um ambiente estimulador, disponibilizando livros, fantoches, e outros materiais que possam multiplicar a criatividade



imaginativa da criança, possibilitando experiências diversas de contação de histórias e elaborando estratégias onde o próprio aluno sinta o desejo de criar e produzir a sua literatura. Segundo Vigotski:

(...) a criação literária pode ser estimulada e orientada e deve ser avaliada a partir de seu significado objetivo para o desenvolvimento e educação da criança. Tal como ajudamos as crianças a organizar os seus jogos, escolhemos e orientamos a sua atividade lúdica, também podemos estimular e orientar a sua habilidade artística. (VIGOTSKI, 2014, p.80)

Neste sentido, e com o objetivo de trabalhar a literatura inclusiva, o professor deve estar bem formado e informado sobre termos, nomenclaturas e situações que façam parte do cotidiano da pessoa com deficiência, para que não seja ele um multiplicador de ações indiretamente excludentes. Deve proporcionar uma diversidade textual de modo que a literatura voltada para inclusão também faça parte dessa diversidade, contribuindo assim para que o aluno com deficiência se identifique com a leitura e para que seus colegas o reconheçam enquanto ser social e apto a partilhar de todos os momentos de desenvolvimento e aprendizagem.

A escola precisa, sobretudo, ter uma equipe unida, que fale a mesma língua e projete formas de diminuir a distância existente entre o espaço escolar e a educação inclusiva. O conhecimento sobre a temática deve ser aprofundado, e o respeito às diferenças deve ser constante, presente em nossos discursos, mas principalmente em nossa prática.

Resultado e discussão

A atividade foi iniciada com a leitura do livro, seguida do relato das primeiras impressões que os alunos tiveram da história. Numa roda de conversa verificou-se que as crianças compreenderam a mensagem do livro e atribuíram significados diferentes para cada situação vivenciada pelos personagens, de acordo com suas realidades sociais e afetivas.

Foi realizado em seguida um passeio pela escola em busca das pessoas citadas no livro como “invisíveis”. Os alunos relataram exemplos e experiências sobre a invisibilidade social dentro das escolas e em outros espaços de sua convivência. Foi feita ainda uma ilustração e explicitação das emoções sentidas durante o passeio.



No segundo dia de atividades foi feita uma exibição do curta metragem “Cordas”¹, com o objetivo de ampliar a visão das crianças sobre a temática através de uma roda de conversas, possibilitando momentos de reflexão sobre os personagens e fazendo relação com a história “os invisíveis”.



Cena do curta “Cordas” de Pedro Solís Garcia.

As crianças se imaginaram enquanto pessoas com deficiência e elencaram formas de respeitar e conviver harmoniosamente num ambiente de diversidade como a escola. Houve também uma conversa sobre o filme e a relação com a história lida para debate e reflexões coletivas.

A turma realizou a produção coletiva de uma nova história, que deu origem a uma literatura, cujo título foi: “Isadora, a Menina Superpoderosa”. A realização se deu a partir de orientações prévias, a fim de que os alunos escolhessem livremente a personagem principal da sua literatura, bem como suas características, cabendo à professora a mediação durante a escolha e o processo de escrita. A atividade foi pensada de modo que o/a personagem se encaixasse dentro do contexto de exclusão social, fosse por uma característica pessoal, ou por sua condição física. Durante a escrita coletiva, os alunos levaram em consideração seu conhecimento prévio sobre outras histórias contadas em sala de aula e incorporaram à história, fatos e emoções vivenciados pelas próprias crianças. Em seguida fizeram a ilustração.

Foram discutidos ao longo do processo de criação da literatura em sala, aspectos relacionados ao menosprezo do corpo deficiente por parte da sociedade, além de questões valorativas como a invisibilização (BENTES, 2012), que se esconde muitas vezes por trás de pretensas lutas contra as desigualdades de gênero, de classe e de raça, mas que determinados segmentos sociais acabam por assumir posturas de não reconhecer tais corpos.

Após as reflexões e produções, as atividades com a turma se encerraram com brincadeiras e com a leitura da história feita pelas crianças.

¹ O curta metragem “Cordas”, de Pedro Solís Garcia foi o ganhador do prêmio Goya 2014, na categoria “melhor curta metragem de animação”.



A realização deste trabalho nos possibilitou uma experiência única, que modificou nossa forma de ver e pensar a educação inclusiva. Trouxe-nos reflexões e questionamentos que farão parte da nossa jornada enquanto profissionais da educação, tais como:

- **O fato de a nossa escola receber um grande número de crianças com deficiência a torna uma escola inclusiva?** Não necessariamente. Um novo olhar sobre as práticas e técnicas desenvolvidas no ambiente escolar mostra-se tão importante quanto a inserção das crianças deficientes na escola, além de ser o primeiro passo para fazer acontecer a verdadeira inclusão.
- **Qual tem sido o nosso papel para diminuir os obstáculos que impedem esta inclusão?** Talvez esse papel esteja sendo relegado a segundo plano, haja vista a dificuldade de muitos professores de recorrerem a ajudas externas para proporcionar um melhor desenvolvimento cognitivo, emocional e físico do aluno deficiente. A falta de apoio para projetos que visem essa melhoria torna-se um fator de entrave que merece uma atenção especial.
- **Qual espaço tem sido dado à literatura como instrumento motivador neste processo?** Muito pouco, considerando a grande quantidade de professores não leitores. Embora recursos didáticos e livros não falem na biblioteca das mais diversas escolas, o engajamento precisa ser diferenciado e isso causa certo desconforto para alguns docentes que precisam elaborar de maneira a abranger também os alunos com algum tipo de deficiência.
- **A culpabilização do sistema educacional, como único fator que impede a inclusão não seria um preconceito velado por parte da escola e de seus professores?** Possivelmente. Não se pode desconsiderar as dificuldades oriundas de um sistema que em sua essência não valoriza o diferente, ou aquele que precisa de uma atenção mais específica, entretanto, podemos afirmar que ninguém deve eximir-se de sua responsabilidade do processo de inclusão, por mais difícil que possa parecer.



Para Silva e Aranha

(...) a mudança de um sistema educacional, que se caracterizou tradicionalmente por ser excludente e segregatório, para um sistema educacional que se comprometa efetivamente a responder, com qualidade e eficiência, às necessidades educacionais de todos, inclusive às dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, exige um processo complexo de transformação tanto do pensar educacional, como da prática cotidiana do ensino (SILVA e ARANHA, 2005, p. 374).

Os recursos especiais utilizados, o material empregado nas aulas, a estrutura da escola, a acessibilidade e tantos outros elementos conhecidos como inclusivos, não são mais importantes que a consciência, a aceitação do diferente, a mudança das velhas práticas em prol do crescimento dos alunos em sua totalidade. Tais elementos são o que complementam o processo de inclusão escolar e essa inclusão não deve basear-se exclusivamente no acesso, mas na permanência e no prosseguimento do estudo dos alunos com deficiência (MANTOAN, 2006), atendendo as necessidades educacionais de todos, como deixa claro a LDB/96. Ademais, a literatura infantil pode e deve fazer parte desse processo.

As atividades aqui expostas, feitas a partir da realidade prática da sala de aula, provaram que é possível uma escola onde os alunos aceitem o diferente e o enxerguem como parte integrante de si mesmos. Cabe a nós, professores, apontar caminhos que levem ao respeito, à tolerância e à solidariedade.

Conclusão

A educação escolar brasileira sempre foi direcionada para a elite, estando assim, concomitantemente, à margem social, as classes consideradas menos favorecidas. O mundo está em constante mutação, e neste cenário, a escola e os docentes devem estar cada vez mais atualizados e conhecedores de técnicas, métodos e propostas educacionais inclusivas, e de estratégias humanizantes que estejam mais próximas das necessidades dos alunos, que devem ser considerados de forma heterogênea, mas com direitos e deveres iguais.

A desinformação e o preconceito são alguns dos problemas que permeiam a escola no processo de inclusão das pessoas com deficiência. No decorrer desse trabalho, ao perguntarmos aos alunos por que não faziam tanto contato com o aluno autista ou outro cadeirante, alguns responderam que “tinham medo de tocar no coleguinha”, ou “que não



sabiam se ele ficaria feliz com o contato”. Este pensamento é o pontapé inicial para a intervenção docente, pois só através de uma escola humanizada e com práticas inclusivas de adaptação que iremos quebrar paradigmas e fazer surgir novos olhares dentro do espaço escolar.

Quando falamos em adaptar a escola não devemos nos deter apenas ao seu espaço físico, mas no seu sentido emocional, na intenção de integrar e acolher estes alunos. Para isto, há que se ter sensibilidade, há que se ter amor, há que se ter esperança, pois “há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e esperança. A esperança de que professor e alunos, juntos, podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos, igualmente, resistir aos obstáculos a nossa alegria.” (FREIRE, 1997, p. 80)

É pensando nesta esperança que a escola, enquanto espaço de transformação, precisa conhecer seu cenário, capacitar seus professores, conscientizar seus alunos e sensibilizar sua comunidade, para que juntos elaborem práticas educativas e ações sociais capazes de romper com o preconceito e de construir uma sociedade com igualdade de condições e de direito para todos.

Neste trabalho, a literatura infantil foi um instrumento eficaz na promoção destas reflexões, que outras contribuições relevantes possam surgir nas salas de aula a fim de formar cidadãos críticos e comprometidos com uma educação inclusiva de qualidade que proporcione o acesso a literatura infanto-juvenil que leve a reflexão, ampliando o universo de imaginação da criança.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny, **Literatura infantil Gostosuras e Bobices**, São Paulo: Spicione
- ASSIS, Maria Célia de. **Violência na escola: compreensão de um fenômeno social em João Pessoa- Paraíba- Brasil**/ Maria Célia de Assis. João Pessoa: A União, 2014.
- BENTES, José Anchieta de Oliveira. **Normalidade e disnormalidade: formas do trabalho docente na educação de surdos**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional – LDB**, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos** / Maria Teresa Eglér Mantoan, Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes, Organizadora. – São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, S. C. da; ARANHA, M. S. **Interação entre professora e alunos e m salas de aula com proposta pedagógica de Educação Inclusiva**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, set.-dez. 2005, v. 11, n. 3, p. 373 -394. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v11n3/v11n3a05.pdf>>.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins, 2014

